

REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA EM: “AS TRANÇAS DE BINTOU”

Janaína da Costa Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba
Rosilda Alves Bezerra (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba

INTRODUÇÃO

Apesar de existir uma lei que determina a aplicabilidade do ensino de literatura afro-brasileira e africana nas escolas públicas, ainda não há uma prática significativa desse ensino. Tendo em vista essa problemática, tomamos como ponto de partida, uma leitura reflexiva, acerca da construção identitária da criança negra presente na obra: “As tranças de Bintou”, de Sylviane Diouf.

As questões norteadoras desse estudo estão apoiadas sob as evidências sobre as afirmações de pertencimento étnico-racial. E para uma discussão frutífera, tomamos como ponto de partida, a crise de leitura existente entre jovens e crianças, questionada há algum tempo; é uma das dificuldades enfrentadas pelos professores do Ensino Fundamental e Médio, esses educadores enfrentam problemas para motivar a leitura das narrativas Literárias. Deste modo, partimos da leitura de uma narrativa infantil, supracitada anteriormente, a qual é rica em informações, como também nos mostra a diversidade de forma grandiosa. Propomos um ensino interacional, relacionando o literário com o sociocultural.

Como aporte teórico, nosso estudo está pautado por leituras acerca da literatura infantil, com Coelho (1993), a representação da criança negra no texto literário, em Oliveira (2010), os estudos identitários sobre a negritude, Munanga (2001), a identidade e diversidade cultural, de Hall (2006), entre outros que estão engajados neste estudo com a finalidade de evidenciar algumas considerações acerca do ensino de literatura afro-brasileira e africana, visando expor elementos identitários de pertencimento étnico-racial da criança negra, mostrando a grande em sua magnitude literária e correlacionando com o verossímil social.

O ENSINO DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NAS ESCOLAS BÁSICAS.

É sabido que desde janeiro de 2003, com a aprovação da Lei 10.639, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96 passou a incluir no currículo oficial a

obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e africana. Segundo Cavalleiro (2006), só a partir de 2003 com a aprovação dessa lei é que o estado brasileiro teve a intenção de eliminar o racismo e a discriminação racial nas escolas.

Vejamos o que diz essa lei:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’” (BRASIL, 2003).

Foi a partir dessa problemática que escolhemos a obra *As tranças de Bintou*, de Sylviane Diouf, para discutir esse tema e outros. Para isso, destacamos a persona de Bintou. Com a leitura da obra passamos a trabalhar o processo identitário no que diz respeito às relações étnico-raciais, fazendo um recorte para através do mesmo, limitarmos a constituição da identidade da criança negra na obra em estudo. Para melhor entendimento da importância da escolha da obra em nosso estudo, sobre a representação identitária da criança negra, vejamos o que diz Bernd (2003):

Se a literatura é um instrumento privilegiado para atingirmos a melhor compreensão de nós mesmos e dos outros, ela só realizará esta sua destinação se usar como matéria-prima a vivência fundamental de cada um que, no caso do negro, se traduz pela experiência essencial de ser negro em um mundo de brancos.

Ou seja, procuramos esclarecer a grandeza da narrativa literária em questão, com o propósito de expor a magnitude da cultura e a importância da mesma, para o ensino de literatura afro-brasileira e africana para a sociedade.

E em se tratando do ensino de literatura infantil, podemos dizer que a mesma surgiu por volta do séc. XVIII, e de acordo com Zilberman e Cademartori:

[...] seu aparecimento, porém, tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo *status* concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Consequentemente, vincula-se a aspectos particulares da estrutura social urbana de classe média, não necessariamente industrializada. Por sua vez, sua emergência deveu-se antes de tudo à sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converter em instrumento dela. Por tal razão, careceu de imediato de um estatuto artístico, sendo-lhe negado a partir de então um reconhecimento em termos de valor estético, isto é, a oportunidade de fazer parte do reduto seletivo de literatura. (1987, p. 3-4).

Ou seja, a produção literária infantil, apesar de possuir um relevante papel no ensino-aprendizagem, não tinha um espaço adequado no meio literário, porém, foi adquirindo um espaço significativo de forma mais abrangente. Diante dessa produção literária infantil, tomamos como base a narrativa *As tranças de Bintou*, de Sylviane A. Diouf, como instrumento capaz de nos conduzir à reflexões, não só sobre o texto ficcional, como também, nos apresenta ponderações sobre a construção identitária da personagem Bintou, sob a qual nos é permitido lançar um olhar crítico sobre o contexto temático da obra e estabelecer uma relação com o meio social.

O GÊNERO LITERÁRIO – AS TRANÇAS DE BINTOU, INTERAGINDO COM SOCIAL E CULTURAL

Selecionamos a obra e articulamos com a diversidade, escolhendo a narrativa *As tranças de Bintou*, na qual podemos notar dialogismo de culturas e isolamento, por parte da protagonista, Bintou. A narrativa nos permite um diálogo entre ficção e realidade, pois, nos mostra a representação de identidade negra, evidenciada através do cabelo, como podemos perceber logo no início do texto: “Meu nome é Bintou e meu sonho é ter tranças. Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobó e sem graça. Tudo o que tenho são quatro birotos na cabeça” (DIOUF, 2010, p. 03).

Segundo Coelho (1993), a arte envolve os sonhos, o imaginário e o real, ou seja, tem um caráter revelador, apresentando o homem de forma criativa, neste caso, temos a representação da criança negra, Bintou (cf. COELHO, 1993, p. 24).

O contexto social presente na narrativa nos permite esclarecer a verossimilhança, interligando os aspectos sociais, os quais são apresentados na obra, e que notamos no cotidiano, onde a própria aceitação do verdadeiro “eu”, que pela influência da cultura ou algum outro motivo, acaba isolando-se, não permitindo que sua identidade seja construída ou

expressa. Então, podemos inferir que a identidade não está presa à nenhum lugar, mas sim, estabelecida ao longo do tempo.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na inconsciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2006, p. 38).

Considerando o gênero narrativo infanto-juvenil, enquanto ferramenta de incentivo às leituras, justificado por ser uma narrativa curta, a qual possui uma linguagem reflexiva, enfatizada principalmente pelos elementos metafóricos do texto, temos o descobrimento da persona Bintou na obra. Portanto, tomamos como referencial a leitura de *As tranças de Bintou*, pois nos é aberto um leque de possibilidades de leitura e interpretações em sala de aula, o que proporciona trabalhar o interacional sociocultural.

Ao final da narrativa percebemos por parte da personagem principal, a aceitação do seu eu, revelando sua beleza enquanto criança. Vejamos a passagem da obra, a qual nos revela tal afirmação, DIOUF (2010, p. 30):

Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante.

Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou uma menina dos pássaros no cabelo. O sol me segue e estou muito feliz.

Em nossa análise, não só evidenciamos a presença do “eu”, influenciado pelo contexto cultural, como também, notamos um momento transitório: a passagem da infância para a adolescência, onde Bintou vê sua irmã mais velha como exemplo a ser seguido. Mas, ao longo da narrativa, notamos seu autoconhecimento para aceitar-se: seu equilíbrio emocional. Como expõem HALL (2006, p.37), encontramos na leitura dos psicanalíticos Jacques Lacan e Sigmund Freud, que a identidade não se desenvolve naturalmente no interior da criança, mas é formada em relação com os outros indivíduos.

A Diversidade Cultural são diferenças que existem entre povos. Há diversidade que relaciona-se à vários elementos, tais como: a linguagem, tradições, danças, vestuário, religião e outras características que compoem uma determinada sociedade. A diversidade cultural é algo associado à dinâmica do processo aceitativo da sociedade. Identidade e diferença estão interligadas na no processo cultural, ambas distintas existindo respectivamente um elo entre ambas. Aponta HALL, 2000, p.75:

Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença.

Atualmente percebemos o aumento de alunos que são considerados “diferentes” nas escolas, às vezes o diferente é você não ser igual aos outros, ou então não agir como os membros de um determinado grupo, portanto, a obra *As tranças de Bintou*, nos possibilita a realização de reflexões sobre a identidade da criança negra, abrindo assim, um leque de direcionamentos de abordagens em sala de aula.

A mídia influencia um modelo de sociedade padrão, corpos modelados por atletas, esculpidos, torneados e malhados são a moda momentânea. Pessoas que não apresentam esse físico são consideradas diferentes, a própria sociedade insere uma estética, forma seres iguais. Influenciando na criação do “eu”, enquanto ser pensante. Exibi-nos HALL (2000) As pessoas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas de um mundo cultural e social. A identidade e a diferença são criações socioculturais.

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela da razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada-o ‘penso, logo existo’, do sujeito de Descartes. (HALL, 2006, P. 36).

Vejamos o que diz Munanga (2005) a respeito das questões de ordem social:

Sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmo conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. (Munanga, 2005, p.15)

E de acordo com Munanga (2012), quando pensamos em identidade negra, diversos questionamentos são lançados. “O que significam negritude e identidade para as bases populares negras e para militância do movimento negro?” Ao passo que, para a sociedade esses conceitos variam de acordo com o contexto em que são interpelados, ou seja, para

muitos a identidade é tida como um “movimento político-ideológico” (cf. MUNANGA, 2012, p. 14).

Viajamos em um mundo repleto de tradições e costumes, no qual a pequena Bintou, assume determinada postura por se considerar diferente. E essa diferenciação está expressa através das tradições, onde a menina Bintou só poderia ter suas tão almeçadas tranças quando estivesse mais velha, enquanto criança teria de usar birotos.

A sociedade, atualmente é formada por grupos, os quais não possuem características parecidas ou a própria identidade (personalidade), e muitos indivíduos acabam se isolando por não se considerarem comuns aos olhos da sociedade, isto ocorre pela intolerância no que respeito à diversidade e a alteridade, então, o ser diferente, ligado à questão cultural e assemelhando ao gênero literário *As tranças de Bintou* veio reforçar/subsidiar nossas reflexões acerca da representação da criança negra e sua afirmação identitária, que está exposta através do cabelo da personagem Bintou que desencadeia toda narrativa em torno das tradições culturais de seu povo.

Oliveira (2010, P. 79):

Em se tratando dos personagens, conforme sabemos, tais seres ficcionais têm sido objeto de discussão ao longo do tempo, gerando consensos e dissensos entre os estudiosos da área. De modo geral, uma das polêmicas em torno deles refere-se à associação e/ou dissociação com a realidade humana.

A diversidade cultural são diferenças que existem entre o ser humano. Há vários tipos, tais como: a linguagem, danças, vestuário, religião e outras tradições como a organização da sociedade. A diversidade cultural é algo associado à dinâmica do processo aceitativo da sociedade. Pessoas que por algumas razões decidem pautar suas vidas por normas pré-estabelecidas tendem a esquecer suas próprias idiossincrasias (Mistura De Culturas). Em outras palavras, o todo vigente se impõe às necessidades individuais. A cultura insere o indivíduo num meio social. Segundo Hall (2006), a identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem.

E direcionando essa pluralidade de interpretações e sentidos para a literatura, Zilberman (2003) argumenta que o texto literário possui um significativo papel no campo da aprendizagem infantil, pois através do imaginário ficcional e do real é possível desenvolver inúmeras habilidades, mas principalmente um enriquecimento do intelecto infantil.

CONCLUSÃO

Ao passo que investigávamos a identidade da criança negra na obra, *As tranças de Bintou*, observamos que a identidade não está fixa a nenhum estereótipo proposto pela sociedade, mas sim, é construída ao longo do tempo. Conforme nossa proposta evidenciou as características analíticas entre a obra literária e a Diversidade Social na vivência da personagem *Bintou*, percebemos que não é possível considerá-la simplesmente como uma obra infantil, mas que seu conteúdo é amplo e variado e sua estrutura complexa, exigindo uma reflexão e nível de leitura maior. Percebemos que a personagem principal, *Bintou*, vive em mundo de isolamento, pois não aceita sua identidade, enquanto criança idealiza a figura de sua irmã mais velha.

E ao passo que ocorria o desdobramento da narrativa evidenciou-se que a pequena *Bintou* assume suas características, no que diz respeito à sua posição e personalidade infantil, desencadeando um processo de aceitação e satisfação do “eu”, que em muitos momentos influencia-se pelo contexto sociocultural, no qual está inserido. Sendo assim, tomamos como ponto de partida a obra *As tranças de Bintou*, como instrumento capaz de desconstruir o estereótipo dos personagens negros presentes na literatura infantil, como também uma ferramenta de suma eficácia no processo de formação identitária da criança negra nas narrativas literárias.

Por fim, estabelecemos em nossa análise um diálogo entre a obra supracitada, inserido na realidade presente não só no contexto escolar, mais também na sociedade, ou seja, aspectos e atitudes humanas revelando-se na realidade existencial da menina *Bintou* enquanto personagem. Concluímos assim, que o ensino de literatura afro-brasileira e africana ainda não possui um espaço adequado nas salas de aula, porém o mesmo é de grande relevância no ensino de culturas da diáspora negra. Pois, revelamos comportamentos, transcrevendo representações de identitárias e culturais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal**. Disponível: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil>> Acesso em: 27/05/2011.

CAVALLEIRO, Eliane. Introdução. In: **BRASIL**. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Ministério da Educação e Cultura/ Secretaria da educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Brasília: MEC/SECAD, 2006.

COELHO, Nelly. **A literatura infantil**: história, teoria, análise. São Paulo: Ática, 1993.

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. Tradução de Charles Cosac. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Literatura infanto-juvenil contemporânea no Brasil e em Moçambique: tecendo negritudes**. Itabaiana: GEPIADDE, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000
- ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.
- ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- ZILBERMAN, Regina. & CADEMARTORI, Lígia Maria. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.